

NEXT - ARQUITETURA DO FUTURO PRÓXIMO OITAVA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA BIENAL DE VENEZA

■ Pasqualino Romano Magnavita

Sem dúvida, a Bienal de Arquitetura realizada na cidade de Veneza constitui um significativo indicador de tensões e flutuações de atuais tendências e, ao mesmo tempo, deveria, em princípio, criar uma oportunidade privilegiada para discussões e críticas, principalmente quando se olha e se tenta explorar,

conceitualmente, o futuro da arquitetura. E, para tanto, convergem 140 projetos apresentados por arquitetos consagrados e, também, por jovens emergentes, vindos de todas as partes do mundo. Esses projetos são selecionados por suas qualidades formais, inovações tecnológicas, uso de novos materiais e formulações de programas cada vez mais complexos, compostos de conexões e conjunções bastante heterogêneas. E mais: encontram-se presentes contribuições de 36 países participantes, expostas em seus específicos pavilhões, alguns desses abrigando países que não possuem espaços próprios.

A Bienal se apresenta em dois espaços distintos e relativamente próximos: o antigo e fascinante "Arsenale", que abriga onze seções temáticas de arquitetura e os "Giardini di Castello", onde os pavilhões de cada país apresentam seus projetos relacionados à temática geral da Bienal, o futuro da Arquitetura. No primeiro espaço, a história, o passado abriga ou pretende abrigar propostas relacionadas com o futuro da arquitetura. Compõem esse diversificado cenário propostas desde células, isto é, espaços habitacionais, a planos urbanísticos em grande escala. Arquitetos famosos, como Frank Gehry, Peter Eisenman, Renzo Piano, Álvaro Siza, Tadao Ando, Toyo Ito, Jean Nouvel, dentre outros, são pontos referenciais dos projetos expostos no "Arsenale", ao lado de jovens arquitetos emergentes que, em conjunto, procuram configurar o destino da arquitetura do amanhã, pressuposto temático do evento: NEXT.

■ Professor da Faculdade de
Arquitetura UFBA
pasqualinomagnavita@terra.com.br

Em exposições como essa, por mais que se venham a estabelecer diretrizes e parâmetros, há sempre margem para incorporar ambigüidades ao se tentar oferecer um amplo e exaustivo quadro da arquitetura contemporânea e da problemática que a envolve, particularmente no caso da Bienal em questão, a qual se propõe a “inventar” o futuro da arquitetura. E, com maior razão, quando se considera a questão colocada hoje e que passa pelo viés político: “mais ética e menos estética”. Ou, no mínimo, no caso desse viés, o estabelecimento de um certo equilíbrio entre ambas, visando a quebrar a hegemonia, ainda vigente, do paradigma científico, ou seja, do estrito funcionalismo herdado da modernidade e, portanto, a afirmação do novo paradigma ético-estético.

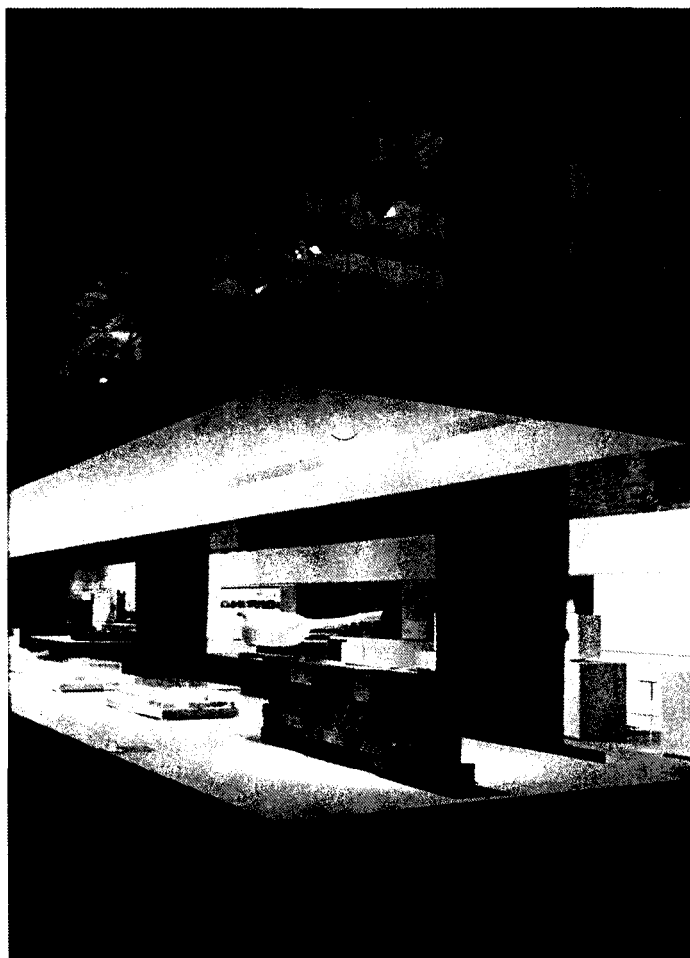


Foto: Todd Eberle/Domus
Fig. 1 vista geral da Biennale di Architettura di Venezia: L'architettura del futuro prossimo

Embora a palavra-chave da exposição, NEXT (próximo), seja um termo que indica simplesmente um movimento e sugira a vontade de ir para à frente, entendemos que tal intenção pode significar tanto caminhar para o

desconhecido, articulando os estratos de um território existente, através de agenciamentos que podem levar a processos de desterritorialização (linhas de fuga), permitindo configurar elevado nível de criatividade, de inovações, como, ao contrário, permitir a configuração de linhas de reterritorialização que acabam agravando a situação de espaços existentes que, por si mesmos, já possuem pouca qualidade de vida e expressam extrema desigualdade social e insegurança generalizada. Esse é o caso da proliferação de espaços urbanos que traduzem, de forma clara e contundente, a exclusão social, condição essa a que está submetida a maioria da população em nossas metrópoles.

As seções temáticas abrigadas nos espaços do “Arsenale”, em ordem de apresentação para o visitante, começam com o tema **Habitação**, seguido por **Museus**, uma das seções com o maior número de projetos de autoria de Libeskind, Tadao Ando, Tschumi, Nouvel, entre outros, sendo um deles realizado no Brasil: a Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, de autoria de Álvaro Siza. Segue a seção **Comunicação**, relacionada com terminais de transporte, basicamente novos aeroportos e estações ferroviárias. Destaque para o aeroporto de Singapura, projeto do escritório Skidmore, Owings & Merrill. A seção seguinte, **Espaços Educativos**, expõe com destaque a Biblioteca Universitária de Utrecht de Richard Meier, o edifício Computer Sciences – MIT, de Franz Gehry, e o Centro de Ciências em Wolfsburg, de Zaha Hadid.

A seção temática mais criticada da Bienal foi a das Torres, com a “Cidade das Torres”. E isso, provavelmente, em decorrência do ataque às torres gêmeas do World Trade Center, embora, muito tempo antes desse imprevisível acontecimento, muitos urbanistas tenham se posicionado contra a construção de edifícios altos, que, para eles, resulta tanto de interesses especulativos imobiliários, quanto do caráter de ambição ou distinção de uma cidade, ou mesmo do “ego” de uma empresa. Independentemente do referido acontecimento, muitos teóricos da cidade associavam as torres construídas pelo movimento moderno como expressão do imperialismo cultural, ou seja, uma imposição americana ao imaginário coletivo do mundo (a exemplo da Coca-cola). Contudo, no início do novo milênio, a construção de altas torres foi estimulada em todas as partes do mundo (lembramos o recente e polêmico debate ocorrido em São Paulo, por ocasião da apresentação de um mega projeto/torre). Entretanto, considerando tanto as torres construídas nos Estados Unidos nas últimas décadas como as de outros países, tornou-se visível, em nível formal e estrutural, a excessiva repetição tipológica, chegando a parecer difícil conseguir algo excepcional que viesse a superar as *Twin Towers*, a exemplo da tentativa das torres gêmeas da Malásia.

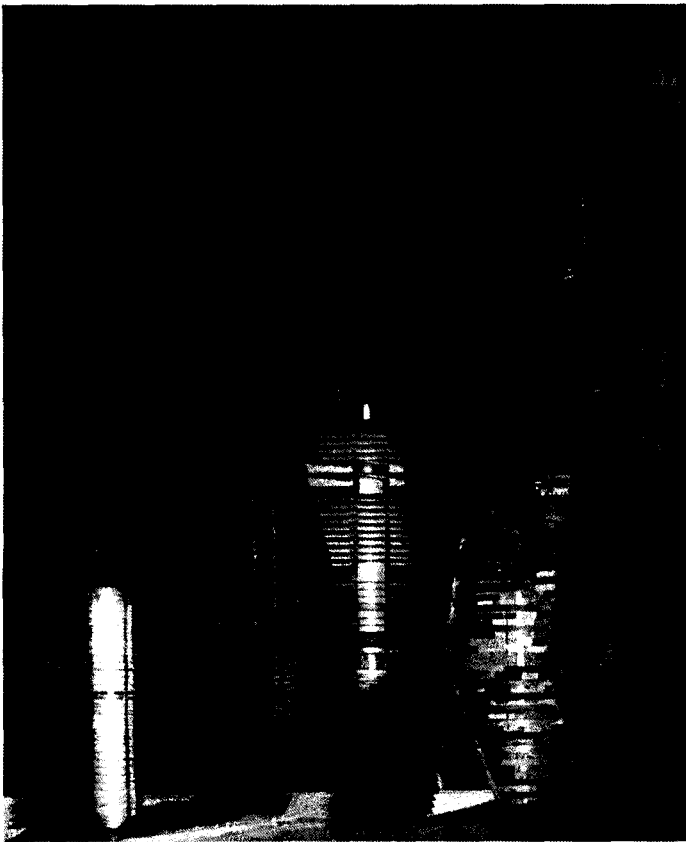


Foto: Todd Eberle/Domus
Fig.2 cidade das torres, projeto MVRDV

Pediram a oito arquitetos, escolhidos pela organização da Bienal, considerando que os mesmos já haviam desenvolvido projetos dessa natureza, para pensarem e proporem novas tipologias para edifício-torre. Tal solicitação pode ser interpretada tanto como um desafio de exercício formal e tecnológico, proposto aos arquitetos convidados, quanto uma equivocada intenção, nascida, oportunisticamente, em decorrência do sinistro acontecimento. Todavia o resultado obtido não sensibilizou os visitantes da exposição, podendo ter contribuído para isso o concurso de idéias realizado para substituir as torres destruídas, um conjunto de propostas que oscilava entre a imaterialidade da luz e contorcidas formas de discutível presença na área liberada do sinistro, com incomensurável entulho, propostas essas expostas no pavilhão americano, constituindo um precedente que esvaziou, de certa forma, a seção em questão, apresentada no “Arsenale”.

Nas seções seguintes, de edificações dedicadas ao trabalho, a negócios (*shoppings*), a presença de Zaha Hadid, Toyo Ito, CoopHimmelb[1]au e Daniel Libeskind, entre outros, garantem a boa qualidade dos projetos apresentados, enquanto a próxima seção, dedicada a edificações destinadas a espetáculos (teatros centros culturais, estádios, centros

de convenções, etc.) é prestigiada com um projeto de Peter Eisenman, a “Cidade da Cultura da Galícia”, em Santiago de Compostela, e outro de Arata Isozaki, o “Centro cultural de Shenzen”, entre outros competentes projetos.

Na última seção, dedicada a Planos diretores urbanísticos (*masterplans*), estão presentes propostas de Tadao Ando (Federation Square em Melbourne) e Zaha Hadid (Plano Diretor para One-North, em Singapura). Entretanto, é o “JVC Cultural Center” que surpreende, reunindo uma equipe de primeira linha: Zaha Hadid, projetando o Hotel e residências; CoopHimmelb[1]au, o Centro Comercial e de entretenimento; Daniel Libeskind, a Universidade; Jean Nouvel, a Administração do Centro Cultural; Toyo Ito, o Museu de Arte Contemporânea; Philip Johnson, o Museu para Crianças, entre outros tantos arquitetos, com edificações específicas para o JVC Cultural Center. Trata-se de um exemplo significativo e planetário da recente produção de arquitetura num mundo globalizado.

Vale salientar que, ao lado da enorme quantidade de projetos apresentados nas seções acima relacionadas, constitui um inédito acontecimento, para eventos dessa natureza, a presença, em alguns projetos, de detalhes arquitetônicos, na escala 1:1, de elementos reais, de cobertura ou vedação de fachadas, com dimensões relevantes em sua realidade material. Presença construtiva que muito ajuda a compreender plenamente as propostas analisadas pelos visitantes e que constitui uma novidade em termos de bienais de arquitetura.

Bem mais heterogêneo é o conjunto de temas apresentados, nos “Giardini”, pelos diferentes países, em seus respectivos pavilhões, ou, para os que não dispunham de espaços próprios, em áreas cedidas por pavilhões mais generosos como, por exemplo, o da Itália, que abriga Argentina, Chile, Irlanda, México, Portugal, República da Letônia e Ucrânia. Vale observar, todavia, que – sob a noção de NEXT (futuro próximo) – não ocorre uma seqüência temática como no “Arsenale”, mas uma diáspora de performances, uma “Babel” de linguagens que confundem o visitante e o induzem a seguir uma espécie de labirinto sem fio, que leva a arquitetura ao pavilhão dos USA, à guisa de um “minotauro”, exibindo, de forma detalhada, os escombros do que restou das torres gêmeas, símbolo do poderio econômico americano que, apesar de mortalmente ferido em sua vulnerável “dignidade”, continua respirando e ameaçando com sua presença os caminhos “indecidíveis” da humanidade.

Numa resenha com esta, não há como avaliar as contribuições dos diferentes países um por um. Preferimos salientar algumas questões levantadas em alguns pavilhões e que merecem ser referendadas. Depois do Museu de Bilbao, a pesquisa formal com o auxílio do computador vem se tornando uma norma. O exemplo disso pode ser

encontrado num conjunto de projetos expostos no pavilhão italiano, fato esse que podemos associar a um certo modismo ou, melhor dizendo, a um maneirismo de competente efetividade, tão inerente à cultura italiana. Por falar em Itália, no pavilhão específico da cidade de Veneza, foram expostos os desenhos de Carlo Scarpa, com suas arquiteturas e projetos no período 1948-1968. Montagem cuidadosa de croquis, desenhos e anotações do “arquiteto” (autodidata), complementada com depoimentos filmados, nos quais explicitou suas concepções e métodos de resolver os problemas que lhe eram colocados. Há uma importante coleção de desenhos que muito ajuda a entender o alcance de suas propostas, particularmente aquelas inseridas em contextos históricos ou que se relacionam com as práticas de restauro, nas quais ele foi extraordinariamente inovador.

Conceitualmente polêmico se apresenta o pavilhão de Israel. Diferentemente dos demais, não se entra nele. A exemplo de uma vitrine contínua, externa e à altura da vista do visitante, expõe projetos de destinação muito polêmica: os novos assentamentos a oeste do rio Jordão, em áreas do atual conflito e reivindicadas pelos palestinos. Essa decisão, financiada ostensivamente pelo Governo de Israel, pode ser entendida como uma provocação e expressão de uma realidade política, demonstração de poder, de força, mais do que uma efetiva contribuição ao futuro da arquitetura, uma ameaça a um possível entendimento de paz.

O pavilhão da Alemanha apresenta uma singularidade pedagógica: o uso do termo NEXT faz uma referência explícita à próxima geração de arquitetos, e isso através de um olhar programático que envolve faculdades de arquitetura do país, num tema de pura criatividade do espaço arquitetônico, no tratamento de um mesmo módulo previamente estabelecido para todas as equipes participantes. Uma espécie de “jogo sério com alegre seriedade”, no qual a idéia, a representação e a invenção no mundo virtual dos conceitos não se vincula diretamente à realidade material. O objetivo da proposta consistiu, através de um modelo, explorar a possibilidade de representação espacial de conceitos arquitetônicos de maneira plástica e tátil. A idéia do jogo, através de uma pesquisa criativa em série, envolveu estudantes e jovens recém graduados das universidades alemãs, em diálogo com seus professores, traduzindo em conceitos a potencialidade e a possibilidade de intervir no volume da área central do próprio pavilhão alemão. Os modelos, em escala 1:33 (algumas dezenas), preencheram o próprio espaço a que se referiam. Surpreendentes a multiplicidade e a criatividade das propostas da nova geração de arquitetos alemães, que se encontra no limiar de um futuro bem próximo e, quem sabe, até mesmo promissor.

Uma referência ao pavilhão do Brasil torna-se inevitável e obrigatória. Sem dúvida, ao contrário das precedentes,

com representações de obras de renomados arquitetos nacionais, nessa Bienal, a protagonista é a arquitetura de favelas. Na parte externa do Pavilhão, foi colocado um conjunto de células habitacionais de extrema penúria, reproduzindo, com sugestiva fidelidade, a fragmentariedade dessas arquiteturas de sobrevivência, feitas do aproveitamento de sobras, restos de toda espécie de materiais. Cenário de fato singular e até mesmo apelativo em relação à realidade de outros países, numa bienal como essa, com suas propostas primeiromundistas, voltadas para um próximo futuro menos desigual e de alta tecnologia.

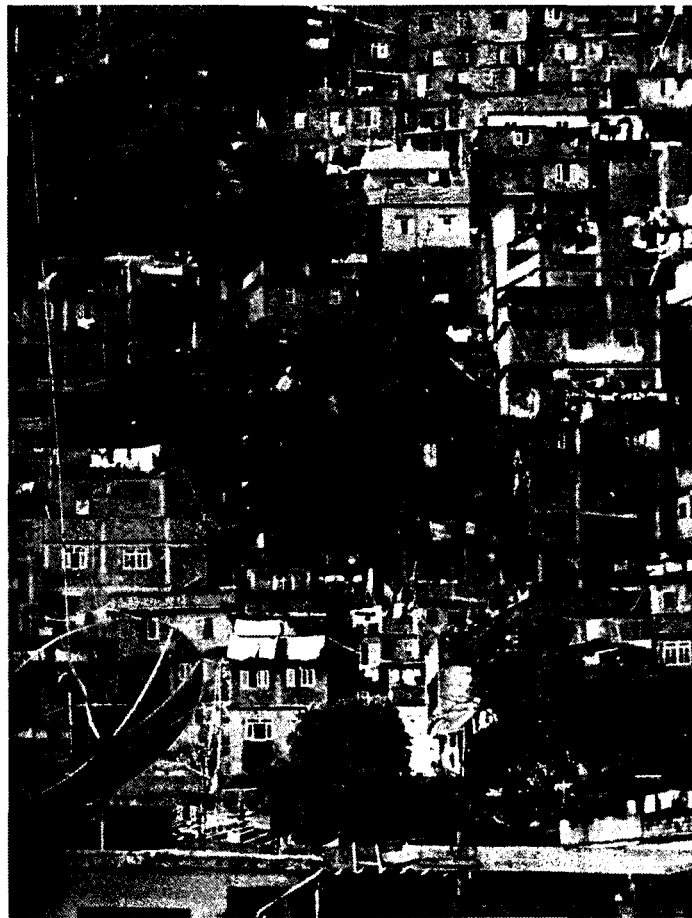


Foto: Andre Cypriano

Fig. 3 Favela do Rio de Janeiro, Exposição Favelas Upgrading Pavilhao Brasileiro

Entretanto, essas arquiteturas, realizadas no limiar de sobrevivência, criam um contraponto para quem visita o interior do pavilhão, com suas paredes totalmente recobertas de grandes painéis fotográficos que documentam intervenções em áreas de favelas, intervenções essas que procuram anular a deprimente imagem transmitida no

exterior do pavilhão. São intervenções ocorridas em algumas metrópoles brasileiras, cujo carro chefe, o Programa Favela-bairro, realizado na cidade do Rio de Janeiro, que exemplifica o nível dessas intervenções que tanta aprovação receberam e também muitas críticas, principalmente por se tratar de intervenções conceitualmente pouco discutidas e resultantes de contextos políticos diferenciados. Intervenções pontuais, estrategicamente oportunistas e carentes de uma política urbana mais ampla. São gotas de um suposto alívio num imenso mar, ainda de desesperança, da realidade urbana de nosso país, onde muitas das capitais brasileiras são enormes favelas com bolsões de riqueza. Contudo, a presença do nosso pavilhão, de certa forma, procurou aderir ao dilema “mais ética” na arquitetura, embora em dose mínima, considerando o enorme contingente de populações urbanas ainda marginalizadas em nosso país.

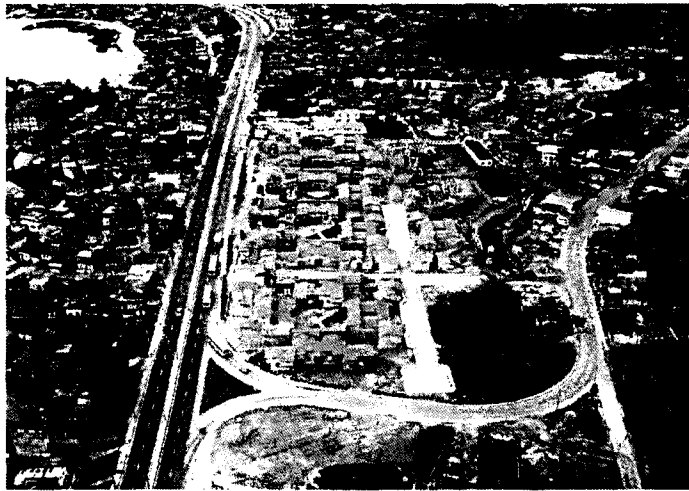


Foto: CONDER
Fig. 4 Projeto Novos Alagados em Salvador (arquiteto Demetre Anastassakis) Exposição Favelas Upgrading

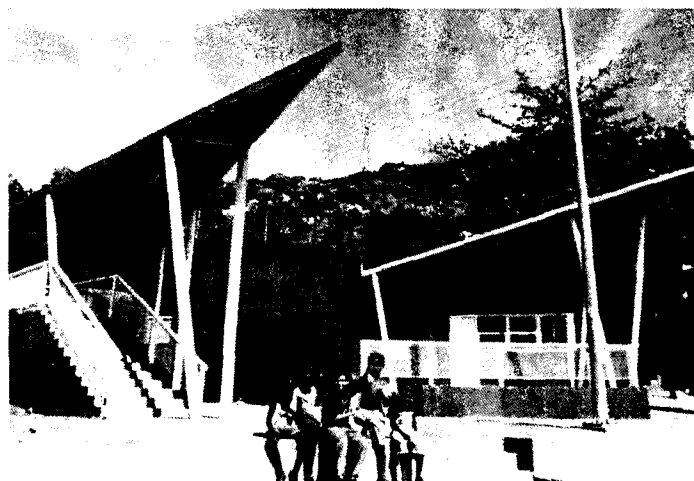


Foto: Gabriel Leandro Jauregui
Fig. 5 Projeto Fuba-Campinho no Rio de Janeiro (arquiteto Jorge Mario Jauregui) Exposição Favelas Upgrading

Pavilhões de diversos países, mais do que exibir projetos significativos de suas respectivas realizações, derivam para outros expedientes visuais, que acabam, eles mesmos, sendo protagonistas, relegando a arquitetura a um plano secundário. É o caso do pavilhão da Espanha, onde as inúmeras telas de vídeo, que exibem projetos urbanos executados, jazem horizontalizadas sobre o piso, e esse encontra-se literalmente revestido com detalhes ampliados da famosa e fantástica pintura de Bosch, o “Paraíso das delícias”, desviando, assim, a atenção do visitante, que acaba seduzido pelas imagens “surrealistas” do referido artista. No mínimo, sugerido que os novos assentamentos urbanos espanhóis promovem uma deliciosa qualidade de vida. Na mesma direção, e mais radical ainda, o pavilhão suíço, “Hormonorum”, em que o visitante usa pantufas e percorre um espaço luminoso, totalmente branco, à guisa de um campo de neve sem limites, sem horizonte. Um curioso jogo perceptivo, isto é, uma sensação de encontrar-se “perdido no espaço”, totalmente branco. Menos atraente, porém com objetivo similar, o pavilhão da Bélgica, “As ilhas flutuantes”, um espaço em que, no piso totalmente alagado, à exemplo de espelho negro, “flutua” um conjunto de móveis, destinados à espaços de trabalho, e sobre ele refletem suas imagem. Isso juntamente com as paredes brancas e densas de supostas mensagens. Sofisticada potencialidade dos espaços arquitetônicos: um jogo de estímulos visuais, uma mensagem de discutível alcance.

Ao lado desses “scherzi”, um conjunto de países assume o tema “Destruição e Construção 1991-2002”, à exemplo das repúblicas Tcheca, Eslováquia e da Iugoslávia. Contudo, a Bienal não fica confinada aos espaços do “Arsenale e dos “giardini”. Com o nome de “Extra Next”, ela se espalha por toda a cidade de Veneza, com um conjunto de seis exposições, tais como: uma seleção de projetos de jovens arquitetos italianos; uma outra exposição de fotografias de arquiteturas; a sala promocional da “Visão de Taiwan no ano 2050”; uma exposição de projetos de novas escolas. E mais: “Revisitando Gordon Matta Clark” e “Holocene Passage” e, finalmente, a exposição “Viver Veneza”.

Concluindo, que lição podemos tirar dessa tão credenciada manifestação cultural da produção contemporânea de arquitetura no mundo? O uso do termo NEXT, palavra-chave da Bienal, mais valorizado e enfatizado do que os termos “prossimo” (próximo) e futuro, encontra-se presente em todos os textos publicitários e informativos, possuindo, sem dúvida, uma explícita conotação de subordinação da cultura oficial italiana, promotora do evento, ao contexto cultural dominante, à hegemonia da língua inglesa (leia-se americana...), imposta pelo atual processo de globalização. Apesar dessa subserviência, fazer uma balanço geral da Bienal, significa, de saída, afirmar ou não, se a mesma correspondeu à alusão ou à pretensão da palavra NEXT, no sentido de futuro da

arquitetura. Tal fato traz à lembrança uma crítica de Paul Virilio à arquitetura, feita há duas décadas, e que, de certa forma, considerando o que foi exposto na Bienal, permanece atual. Na oportunidade, Virilio, referindo-se aos avanços tecnológicos, no sentido da conquista do **espaço** (conceito chave para o entendimento da arquitetura), comparou a produção da arquitetura a uma “galeria de máquinas”, no sentido, ainda, de produto de uma sociedade industrial, passando à margem, portanto, dos avanços tecnológicos. O **ciberespaço** e a gravidade zero não haviam ainda, naquela época, “contaminado” a arquitetura.

Contudo, passados quase vinte anos, a pesquisa em arquitetura, relacionada com os avanços tecnológicos, tem sido significativa, particularmente aquela que reúne um conjunto de arquitetos pesquisadores e pensadores (inclusive o próprio Virilio). E isso em universidades, centros de estudo e laboratórios que operam sob a égide de novas tendências, reunidas sob a denominação de “Trans-Architectures”. Tendências onde o espaço analógico, euclidiano, cedeu lugar ao espaço mediatizado, virtual: o ciberespaço. No evento veneziano, encontramos inúmeros projetos que usam as novas ferramentas do universo computacional, com as quais conseguem, formalmente, aproximar-se das práticas utilizadas no Museu de Bilbao. Entretanto, a informação sobre o estado da arte da produção dessas arquiteturas, de suas potencialidades e resultados obtidos através do novo viés tecnológico, sinalizando o futuro dessa produção, ficaram bem longe do evento em questão. Não queremos chegar ao extremo, admitindo que a Bienal de Veneza continua sendo uma “galeria de máquinas”. Mas a sensação global que se tem, percorrendo todas as seções, é a de uma saturação de repertórios formais e tecnológicos, de muitas repetições e poucas diferenças e, principalmente, a ausência das referidas tendências que de fato sinalizam os caminhos do futuro próximo da arquitetura.

Por outro lado, a complexidade e multiplicidade de conexões e de elementos heterogêneos e agenciamentos que concorrem no incomensurável número de projetos de arquitetura e urbanismo, em âmbito mundial, através de contextos específicos, programas, técnicas, repertórios formais, etc, provocam uma sensação de nos encontrarmos frente à uma espécie de maneirismo de elevada competência profissional e que traduz o idiossincrasias culturais locais, processos de subjetivação em estratificações pouco favoráveis a facilitar desterritorializações criativas. Talvez essa Bienal de Veneza, mais do que um passo para o próximo futuro da arquitetura, venha a significar o cumprimento, por inércia, de um ritual de pura burocracia cultural, um panorama do que se está realizando hoje. Mais do que um passo para o futuro, talvez um passo de espera.

Torna-se oportuno e importante ressaltar que, simultaneamente à Bienal de Veneza, ocorre, de seis em seis anos, a Trienal de Arquitetura de Milão. Justamente por essa periódica coincidência, os temários dos dois eventos procuram ser de natureza bastante diferenciada, não somente pela rivalidade cultural entre as duas cidades, mas, principalmente, pela estrutura organizacional que comportam e a disponibilidade de espaços que oferecem. Na Trienal, uma ampla e unitária edificação; na Bienal, um “trem” de seções temáticas, seqüência linear de espaços no “Arsenale” e uma dispersão de pavilhões nacionais nos “Giardini”

Dessa vez, ciente do conteúdo programático da Bienal, a Trienal preferiu investir em apenas três seções; “As cidades Invisíveis”, uma retrospectiva dos designs Charles Eames e Ray Eames, e uma sala relacionando o design e a publicidade. A primeira seção, tomando como base o fascinante texto de Italo Calvino, promove, através de um conjunto de espaços, uma performance literária urbana, uma metafórica interpretação da realidade urbana que é, ao mesmo tempo, uma sofisticada e poética denúncia. A segunda seção trata de uma bem cuidada retrospectiva de Charles Eames e de sua esposa Ray Eames, expondo desenhos, protótipos, documentação e filmes desses importantes designs do moderno tardio. A terceira seção é composta de 150 suportes devidamente iluminados, numa grande sala em penumbra, expondo páginas de uma publicação da K-forma/cultura/Skira, e versa sobre o design publicitário de móveis e equipamentos domésticos, passando pelo humor e irreverência na programação visual dos mesmos.

Tanto a Bienal quanto Trienal não criaram, no nosso entender, oportunidades para a polêmica e o debate. Não problematizaram a arquitetura com vistas ao novo paradigma ético-estético. Preferiram, como a grande maioria dos países desenvolvidos, apenas expor e constatar. A primeira, a Bienal, através de um equivocado olhar para o futuro, um Next, um futuro próximo que se encontra mais próximo do presente, retratando o próprio presente. A segunda, a Trienal, um apelo literário e erudito à invisibilidade visível das cidades. Ambas, mais do que um avanço, expressam uma espécie de parada no tempo... Um certo conformismo, fato compreensível para países que se encontram numa confortável posição no ranking mundial. Não abrigam favelas, é verdade, mas expõem o terror, acontecimento tão marcante, registrado nos painéis expostos do pavilhão americano e que colocaram em questão não apenas o NEXT da própria arquitetura, mas o futuro da Humanidade.

Itaparica, dezembro de 2002